

Resumo: O próprio título do artigo, “Manifesto ecológico de Oseias”, é provocador. Não seria anacrônico, sendo a ecologia um tema relativamente recente, identificar tal “manifesto” em oráculo de um profeta do século VIII aC? O autor pensa que não é anacrônico, e procura prová-lo em três momentos: 1) mostra qual o contexto de Oseias, do seu livro, e do “manifesto”; 2) examina, frase por frase, quase palavra por palavra, também na língua original, o breve texto do “manifesto”: Os 4, 1-3; 3) mostra que a “solidariedade entre o ser humano e a criação” aparece em diversos outros textos do Antigo e do Novo Testamento. Na conclusão, o autor faz ver que a questão ecológica, questão evidentemente científica e política, não deixa de ser também uma questão ética e teológica. Esta, aliás, é a perspectiva do papa Francisco, na sua encíclica *Laudato Si*.

Palavras-chave: *Ecologia, Profecia, Oráculo profético, Dimensão científica, Dimensão ética, Misericórdia.*

Abstract: *Even the title of the paper – “Osee’s ecological manifest” – is provoking. Wouldn’t it be anachronous, since ecology is a theme relatively recent, to find such a manifest in an oracle of a prophet of the VIII century B.C.? The author thinks it is not anachronous, and tries to prove it in three moments: 1) he shows the historical context of Osee, of his book, and of the “manifest”; 2) he investigates, phrase by phrase, almost word by word, even in the original language, the brief text of the “manifest”: Os 4, 1-3; 3) he shows that the “solidarity between the human being and the creation” appears in several other texts of the Old and the New Testament. In the conclusion, the author shows that the ecological question, evidently scientific and political, is also, by all means, an ethical and theological question. This, by the way, is the perspective of Pope Francis, in his *Laudato Si* Encyclical.*

Keywords: *Ecology, Prophecy, Prophetic oracle, Scientific dimension, Ethical dimension, Mercy.*

O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3)

*Ney Brasil Pereira**

* Professor emérito do ITESC e pesquisador da FACASC; mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma.



Introdução

A questão ecológica vem há tempo preocupando a humanidade. O papa Francisco acaba de consagrar-lhe sua segunda encíclica, *Laudato si'*, publicada no dia 24 de maio do corrente ano. A próxima Campanha da Fraternidade, de 2016, ecumênica, também aborda essa questão, focalizando o saneamento básico dentro do contexto da “Casa comum, nossa responsabilidade”. Seria anacrônico encontrar essa problemática na Bíblia? Responda-nos o profeta Oseias, de meados do século VIII a.C., no brevíssimo, mas não menos denso, oráculo inicial da segunda parte do seu livro:

*Ouvi a palavra de YHWH, filhos de Israel,
pois YHWH abre um processo contra os habitantes da terra:
Não há fidelidade nem misericórdia, nem conhecimento de Deus na terra,
mas perjúrio e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência,
e sangue derramado sobre sangue derramado¹.
Por isso, **a terra está desolada e desfalecem todos os que nela habitam;**
e os animais do campo, as aves do céu,
e até os peixes do mar desaparecerão (Os 4,1-3).*

A forma literária do oráculo é a do *rib*, processo, querela judicial, que encontramos em vários textos proféticos. No *rib*, o próprio Deus de certo modo submete-se ao veredito de um tribunal, às vezes amplo como o céu e a terra (Sl 50,4), excelso como as montanhas e colinas (Mq 6, 2), numeroso como “os habitantes da terra” (Os 4,1) ou então como “os moradores de Jerusalém” (Is 5,3), para expor a sua causa, antes de proferir, devidamente motivada, a inapelável sentença.

Para aprofundarmos a mensagem deste “manifesto ecológico” de Oseias, vamos situá-lo em seu contexto, o contexto do profeta e do seu livro, para a seguir examinar o texto do oráculo e, por último, propor algumas conclusões.

¹ A tradução do v. 2 apresenta certas dificuldades, que serão comentadas abaixo. Aqui, cito a tradução literal, hebraizante, de CHOURAQUI, no original francês: “Imprécation et félonie, assassiner, voler, adultérer déferlent en brèche; les sangs touchent les sangs” (in *La Bible, traduite et commentée par André CHOURAQUI*, Desclée De Brouwer, 1989, p. 1036. Cito igualmente a tradução de GORODOVITS e FRIDLIN: “Jurando e não cumprindo, matando, roubando e praticando adultério, ultrapassam todos os limites, e o sangue de um crime se junta com o de outro” (in *Bíblia Hebraica, baseada no hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas*, São Paulo, 2006, Edit. Sêfer, pp. 568-569).



1 O contexto de Oseias e do seu livro

O título (Os 1,1) nos informa que Oseias Ben-Beeri exerceu seu ministério profético pelo fim do reinado de Jeroboão II (792-743 a.C.), no reino do Norte, e também no período correspondente aos reinados de Ozias, Joatão, Acáz e Ezequias, reis de Judá, isto é, durante as agitações que marcaram os reinados dos últimos reis da Samaria, sucessivamente assassinados. Sua atuação costuma ser situada entre 755 e 725. Foi, portanto, ao menos parcialmente, contemporâneo de Amós, no reino do Norte (Am 1,1 e 7,10) e de Isaías e Miqueias, profetas de Jerusalém (Is 1,1 e 6,1; Mq 1,1). Contemporâneo, também, por outro lado, do poeta jônico Hesíodo e, segundo estudos recentes, de Homero².

Seu livro é claramente dividido em duas partes: os capítulos 1 a 3, sobre a experiência matrimonial do profeta – parte mais antiga, germinal, do livro – e os capítulos 4 a 13, contendo oráculos de censura e ameaça, coroados pela exortação final do capítulo 14. A segunda parte costuma ser subdividida: capítulos 4 a 7, 8 a 11, e 12 a 14. Essas duas, ou mais, coletâneas, podem ter surgido independentemente, redigidas por discípulos do profeta. E um redator final, além de outros acréscimos, juntou 1,1-2a e, ainda, 14,10 (versículo final, em forma de advertência sapiencial).

Por que foram redigidos esses oráculos? Embora a profecia seja um fenômeno antes de tudo oral, a transcendência dessas palavras levou seus contemporâneos a retê-las de memória e, logo que possível, a transcrevê-las. No caso de Oseias, e dos outros profetas do século VIII, a expansão fulminante da Assíria fê-los perceber que a ameaça da destruição nacional não era mera possibilidade, mas um fato iminente. Com essa convicção, eles, de maneiras diversas e com ênfases diferentes, deixaram a seus contemporâneos uma mensagem de valor perene, especialmente para aquele núcleo de Israel que acabou sobrevivendo. Esses sobreviventes tiveram de receber a amarga lição das exigências da eleição divina, aprendendo para sempre o que significa ser o “povo de Deus”, e o que se requeria para a sua sobrevivência, ou então, a sua restauração.

Mas voltemos ao livro de Oseias. Segundo Andersen-Freedman³, seus oráculos parecem às vezes solilóquios do próprio YHWH, o que

² PEREIRA, Ney B., *Os Profetas, nossos contemporâneos*, apostila, Florianópolis, ITESC, 1997, p. 28. Ver aí também a cronologia da época da Oseias.

³ ANDERSEN, Francis I. and FREEDMAN, David N., *Hosea. A new translation with introduction and Commentary*. The Anchor Bible, vol. 24, Doubleday, Garden City, New York, 1980, p. 45.



explica a vacilação das reflexões e as passagens repentinas do discurso direto para as descrições em terceira pessoa. Quanto ao texto como tal, no seu conjunto, Oseias “compete com Jó pela distinção de conter passagens mais ininteligíveis que qualquer outro livro da Bíblia hebraica”⁴... Assim mesmo, apesar dessa ininteligibilidade de muitos detalhes, a maior parte do conteúdo está plenamente acessível, e justifica a apreciação do autor da Introdução a Oseias na TEB: “O livro de Oseias não contém, evidentemente, toda a revelação bíblica. Mas vai tão longe, e tão fundo, que o povo de Deus até hoje não o pode ler sem estremecer de esperança e sem se interrogar a respeito da pureza da sua fé”⁵.

Seguindo ainda Andersen-Freedman: As sentenças de condenação, em Oseias, não são os vereditos imparciais e impessoais de um Deus de justiça puramente retributiva; as expressões de ira não vêm de um vingador implacável. Deus é o parceiro ultrajado de uma aliança criada por sua própria generosidade. Ele é ferido pela ingratidão do seu povo. A paixão divina, revelada nesses oráculos, é muitas vezes a de um marido e um pai ofendidos. Esses papéis são mais proeminentes que os de soberano e juiz, e dão às mensagens proféticas a pungência expressa por Oseias em relação ao seu próprio casamento (2,4-25) e aos seus sentimentos de pai (11,1-4.7-9). [...] Oseias encontra-se num momento de tal crise na história do seu povo, que o fim da nação é praticamente inescapável. O arrependimento é de tal modo improvável, que a morte, quer coletiva, quer individual, está às portas. Mesmo assim, o Deus vivo e criador não terminou a sua obra. Por surpreendentes atos de redenção, ele há de vencer a própria morte (6,1-3; 13,14). No fim, num futuro que está em suas mãos, os que tinham sido rejeitados serão reconciliados, e uma nova idade começará como a de outrora, renovadas enfim todas as coisas (cf 2,20-25)”⁶. Essa possibilidade, porém, não é a que se deduz do “manifesto ecológico” que vamos examinar a seguir.

2 O texto do “manifesto”

Oseias começa por um amplo chamado à atenção: “*Ouvi a palavra de YHWH, filhos de Israel*”, semelhante ao apelo de 5,1, embora, aí,

⁴ Id., *ibid.*, p. 66.

⁵ Tradução Ecumênica da Bíblia, São Paulo, Ed. Loyola, 2. ed., 2015 (trad. do francês, Éditions Du Cerf, Paris, 2004), p. 883.

⁶ ANDERSEN-FREEDMAN, *op. cit.*, passim, pp. 51-52: síntese minha, do original inglês.



dirigido às lideranças: “*Ouvi isto, sacerdotes; atende, casa de Israel; escuta, casa do rei*”. Quanto à expressão “palavra de YHWH”, nós a encontramos só aqui e no início do livro: em 1,1 ela se refere à ordem que Oseias recebe pessoalmente, no versículo seguinte (1,2), enquanto aqui ela designa a mensagem dirigida a toda a nação. “Filhos de Israel” é uma expressão que ocorre cinco vezes nos capítulos 1-3 e não ocorrerá mais, depois de 4,1.

“*YHWH abre um processo*”: a raiz hebr. *rib* ocorre também em 2,4, onde aparece sob a forma verbal: “Processai a vossa mãe, processai”. Já vimos, acima, que esta forma literária é frequente nos profetas, p. ex.: Is 3,13; Mq 6,1; Jr 2,9.

Oseias descreve a situação atual como sendo o contrário da situação ideal, a do povo renovado, descrita em 2,21-25. Não há *'emet*, nem *hesed*, nem *da'at elohim*, que são as “estrelas guias” do pensamento profético⁷. Os três conceitos são representativos do compromisso da Aliança. *'Emet* é verdade, fidelidade, confiabilidade, empregado por Oseias só aqui, mas é da mesma raiz que *'emunâ*, que consta entre os dons do Senhor, mencionados em 2,22: designa a solidez e a persistência do vínculo da aliança que une os dois contraentes, os quais, por isso, podem apoiar-se um no outro em confiança absoluta.

Quanto a *hesed*, que a LXX sempre traduz como *éleos* e a Vulgata como *misericórdia*⁸, é uma das palavras-chave do vocabulário de Oseias (cf 2,21; 6,4-6; 10,12; 12,7): é o liame que liga em profundidade um parceiro ao outro. Mas “transcende os requisitos formais de uma aliança, acrescentando aquela generosidade e prontidão ao perdão que torna a coexistência possível”⁹. Frequentemente encontramos a associação, de *hesed* e *'emet*, formando hendiáde, como no prólogo de João: *cháris* e *alêtheia* (Jo 1,14). Tão importante é o *hesed* inter-humano para Oseias, que Deus o quer mais que qualquer ato de “religião”: *É o hesed que eu quero, e não animais sacrificados*” (Os 6,6).

Quanto ao “conhecimento de Deus”, *da'at elohim*, por cuja falta o povo “perece” (4,6) e que Deus prefere aos holocaustos, ou seja, aos animais queimados (6,6), o profeta lhe dá extrema importância. É um

⁷ Id., *ibid.*, p.336

⁸ Cf PEREIRA, Ney B., “Misericórdia, Amor, Bondade: a Misericórdia que Deus quer”, art. in “*Encontros Teológicos*”, revista da FACASC/ITESC, Florianópolis, n. 71 (2015/2), pp. 125-138.

⁹ ANDERSEN-FREEDMAN, *op. cit.*, p. 337.



“conhecimento” não apenas teórico, entendido como a familiaridade com a revelação divina na história e com a Lei, tal como ensinada nos ambientes sacerdotais, mas um conhecimento prático, que leva à prática da justiça. Conhecimento, portanto, também com dimensão horizontal, não só vertical. Jeremias explicou bem o significado desse “conhecimento”, que em certo sentido equivale ao “temor de Deus”, ao comentar a prática do rei Josias: “Ele defendia a causa do humilhado e do pobre, e tudo corria bem para ele. *Não é isto conhecer-me?*” (Jer 22,16). Também no Novo Testamento, o Discípulo Amado vai insistir, na sua primeira carta: “*Quem diz que conhece a Deus, mas não ama o seu irmão, é mentiroso*” (cf 1Jo 2,4 e passim). Conhecimento “de Deus”, portanto, é o conhecimento de Deus que leva à prática do *hesed*.

Ora, a ausência destas três atitudes fundamentais tem por consequência a triste lista de crimes contra a humanidade, denunciados no v. 2. Eles são ainda piores porque são atos de rebelião contra Deus, denotam “*desconhecimento*” de Deus. Por coincidência, são dez os itens listados no conjunto dos dois versículos, esse número evocando as “dez palavras”, ou seja, os dez mandamentos.

A lista dos pecados no v. 2 é dividida em duas partes, cada uma usando diferentes formas gramaticais. A primeira parte usa cinco infinitivos absolutos (*'aloh, kahesh, ratsoah, ganob, na'op*); na segunda, temos dois verbos no perfeito (*paratsu, naga'û*). A primeira lista parece um excerto do Decálogo às avessas. Os três últimos infinitivos baseiam-se diretamente em Ex 20,13-15 (Dt 5,17-19), e são usados da mesma forma por Jeremias (7,9), no seu discurso junto à porta do Templo, um século depois de Oseias. O uso dos mesmos verbos para roubo (sequestro), assassinato, adultério, aponta para uma tradição comum. Jeremias aumenta sua lista com uma referência à idolatria; a adição específica de Oseias visa a violência e especialmente o derramamento de sangue, talvez o sancionado pelo culto sacrificial.

No v. 2b, os verbos *paratsû* e *naga'û* não são perfeitamente sinônimos, mas complementares. *Paratsû* descreve uma ação violenta: irromper, arrombar, explodir etc. O substantivo *paritsîm*, em Jr 7,11, designa “assaltantes”, “ladrões”. O substantivo *damîm*, repetido, poderia referir-se ao derramamento ritual de sangue inocente, as vítimas sendo buscadas à força de seus lares. Seria o máximo da iniquidade denunciada pelo profeta.



Por isso, a terra está desolada (v. 3a: hebr. 'abal): que “terra”? a “terra de Israel”, devastada pela seca, porque “totalmente prostituída” (1,2b)? ou, numa extensão do crime e do castigo, é “a terra” no sentido amplo, o “mundo”? É um castigo anunciado, ou a seca terrível já em curso é o prenúncio de punição ainda maior? O último verbo, hebr. *ye'asepû*, “desaparecerão”, refere-se às três ordens de criaturas do reino animal, com especial inclusão dos “peixes do mar”. A listagem dos peixes (em lugar dos répteis de 2,20), depois dos animais e das aves, é semelhante às listas de Gn 1, e enfatiza os habitantes das três grandes regiões do universo: terra, ar, água (cf Ex 20,4).

Este último versículo (v.3) tem certa ressonância cósmica, com entretons da história da criação¹⁰. Jeremias amplia essa visão, na passagem que vale a pena citar aqui:

*Olhei a terra – era vazia e informe; os céus – sua luz não existia.
Olhei as montanhas – elas tremiam e todas as colinas se abalavam.
Olhei – e não havia mais humanos; e todos os pássaros do céu tinham fugido.
Olhei – e vi que o Carmelo estava deserto, e todas as cidades tinham sido destruídas diante de YHWH, diante do ardor de sua ira.
Porque assim disse YHWH: Toda a terra será devastada... (Jr 4,23-28)*

E aqui, a pergunta: por quê, essa repercussão cósmica do pecado humano? A propósito, e pelo contrário, sua conversão a Deus faz com que todas as criaturas tenham parte nos benefícios da Aliança, como o próprio Oseias o expressara em 2,20: “*Farei, em favor deles, naquele dia, um pacto com os animais do campo, com as aves do céu e com os répteis da terra. Exterminarei da face da terra o arco, a espada e a guerra. E os farei repousar em segurança*”.

De fato, esta solidariedade entre o ser humano e a criação perpassa o Antigo Testamento, como vemos, p. ex., em Jeremias, retomando Oseias: “*Até quando se lamentará a terra, e ficará seca a erva do campo? Por causa da maldade dos seus habitantes, aqueles que dizem: ‘Ele não vê os nossos caminhos’, perecem os animais e as aves*” (Jr 12,4). Ainda Jeremias: “*Porque a terra está cheia de adúlteros; sim, por causa de uma maldição, a terra está de luto e as pastagens do deserto estão secas...*” (Jr 23,10). Também Isaías¹¹: “*A terra cobre-se de luto, ela perece; o mundo definha, ele perece; os grandes da terra desfalecem. A terra está profa-*

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 340

¹¹ Num texto pós-exílico, o chamado “Grande Apocalipse” de Isaías, capítulos 24 a 27.



nada sob os pés dos seus habitantes. Com efeito, eles transgrediram as leis, mudaram o decreto e romperam a aliança eterna. Por este motivo, a maldição devorou a terra e os seus habitantes recebem o castigo...” (Is 24,4-6). Também Ageu: *“Chamei a seca sobre a terra, sobre as montanhas, sobre o trigo, o vinho novo, o azeite fresco e sobre tudo quanto o solo produz; sobre os humanos, os animais, e todo o fruto de vossos trabalhos”* (Ag 1,1). Aliás, já no livro do Gênesis, a sentença de Deus a Adão pelo seu pecado se expressa na “maldição do solo” por sua causa (Gn 3,17), como também o castigo do dilúvio é atribuído à maldade humana: *“YHWH viu que a maldade do ser humano se multiplicava na terra, e que era continuamente má toda inclinação dos pensamentos do seu coração. Então YHWH arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra e afligiu-se o seu coração. E YHWH disse: Apagarei da superfície do solo o homem que criei, tanto o homem como os animais, os répteis, e até os pássaros do céu, pois me arrependo de tê-los feito”* (Gn 6,5-7).

No Novo Testamento, além da descrição da criação renovada, no livro do Apocalipse (cf os “*novos céus e a nova terra*”, no Ap 21,1-5, já antecipados em Is 65,17 e 66,22), temos a bela esperança expressa por Paulo, na carta aos romanos: *“A criação aguarda com impaciência a revelação dos filhos de Deus: entregue à efemeridade¹² (lit. “à vaidade”, gr. tê mataiôtêti), não pelo seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu¹³, ela guarda a esperança. A de ser libertada do cativo da corrupção, para participar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus”* (Rm 8,19-21).

Conclusão

A questão ecológica é, certamente, uma questão científica e política. Por isso mesmo, tantos cientistas lhe dedicam suas pesquisas, tantos encontros internacionais são realizados, tantas medidas concretas são tomadas, ou postergadas, pelos governos, tantas preocupações são verbalizadas pelos meios de comunicação. Será também uma questão teológica? e ética?

A Bíblia, como vimos em Oseias e em vários outros textos bíblicos, responde que sim. Ela responde que é *também* uma questão teológica,

¹² Traduzem, menos bem, Almeida Séc. XXI: “*inutilidade*”; a TEB: “*poder do nada*”.

¹³ Provável alusão a Gn 3,17: a terra, amaldiçoada, em consequência do pecado de Adão.



inclusive porque os autores bíblicos, mesmo *inspirados*, viveram numa fase pré-científica, num mundo geocêntrico, em três patamares, sem qualquer noção de previsões metereológicas, hoje comuns.

Como conciliar, então, a visão teológica com a visão científica? É possível conciliar? Acreditamos que sim. Inclusive porque não é científica a posição da autossuficiência. Nem a da ciência, que avança por hipóteses, nem a da teologia, que “busca as razões”¹⁴ da fé. Por isso mesmo, entende-se o sentido de uma Encíclica, documento próprio da Igreja Católica – a *Laudato si'*, do papa Francisco – dedicada expressamente “*ao cuidado da casa comum*”, isto é, à ecologia. Uma Encíclica que relança decididamente o apelo de João Paulo II a uma “conversão ecológica global”¹⁵ Por isso mesmo, também, entende-se o apelo do “manifesto ecológico” do longínquo profeta de Israel, Oseias, que, no seu tempo, no seu momento histórico, oito séculos antes de Cristo, viu no pecado humano – por ele identificado como a falta de verdade, de misericórdia, e de “*conhecimento de Deus*”¹⁶ – a causa da extinção da vida no planeta.

E-mail do autor:

ney.brasil@itesc.org.br

¹⁴ Cf 1Pd 3,15.

¹⁵ FRANCISCO, *Laudato si'*, n. 5, tema desenvolvido nos nn. 216-221.

¹⁶ A propósito, um pouco adiante do seu “Manifesto”, Oseias volta a insistir: “*É por falta de conhecimento que perece o meu povo*” (4,6). Já vimos, acima (p. 3), de que “conhecimento” se trata.